

NOS RASTROS DA MENINA EDINETE: A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DA “MENINA DA SERRA” COMO SANTA

Francimeire Gomes Monteiro¹

O interesse por pesquisar a história da menina Edinete surgiu a partir das leituras feitas no trabalho de dissertação de mestrado no qual nos propusemos a discutir sobre as representações da morte e dos mortos em Brejo do Cruz-PB. Dentre algumas leituras como a do livro “A morte é uma festa”, um capítulo que trata dos ritos das crianças nos chamou bastante atenção devido às especificidades dos ritos das crianças e também a representação da criança morta como anjo protetor.

Como não tivemos tempo de analisar mais intensamente essas questões no momento da escrita da dissertação, após a conclusão do mestrado estamos dedicando um pouco do nosso tempo a elaboração de um projeto sobre a construção da santidade da menina Edinete, também conhecida como “menina da serra”.

No Brasil esse tipo de manifestação da religiosidade popular pode ser identificado em vários lugares, contudo o que consideramos interessante são as narrativas criadas para justificar a santidade, assim como as práticas religiosas envolvidas nessas crenças, o que pode ser algo específico de cada lugar. Muitas vezes essas crenças se fazem tão presentes na vida das pessoas de um determinado lugar que pode ser entendido como um símbolo da identidade de um povo ou grupo.

Edinete tinha apenas quatro anos de idade quando faleceu, de acordo com moradores da cidade de Riacho dos Cavalos a menina que morava no sítio Serrinha teria se perdido ao seguir um jumento. Após três dias de procura, a criança foi encontrada morta no topo da Serra dos Bois, ficando a serra conhecida na região por “Serra da Menina”. Esse fato aconteceu no ano de 1976.

A história de Edinete ficou conhecida em muitas cidades do sertão da Paraíba através do poema “Criança morta”, do repentista Sebastião da Silva que disse ter feito o poema a pedido do tio da menina Edinete. O poema até hoje é propagado e emociona muitas pessoas. Vejamos:

A CRIANÇA MORTA
Dos poemas que escrevi
Por meio da inspiração
Esse é o mais comovente
Porque tem a narração
De um dos casos mais tristes
Que já se deu no Sertão.

Trata-se de uma menina de uma beleza extrema
De 4 anos de idade
Com quem se deu o problema
Tornou-se a central figura
Das emoções do poema
[...]
27 de novembro
do ano sessenta e seis
pelas três horas da tarde
ou pouco antes talvez
Os pais de Edinete a viram
Viva pela última vez [...]
(Sebastião da Silva, 1976)

¹ -Mestre em História pela UFCG e Professora de História na Escola Estadual de Ensino Médio João Silveira Guimarães.

A partir do poema, a história de Edinete se torna ainda mais comovente. Em conversas informais com pessoas da região que conhecem essa história, vimos que, muitas dessas pessoas afirmaram que se emocionam muito quando escutam o poema.

O poema “Criança morta” consagrou Sebastião da Silva como um grande repentista da região, e diante de tantos questionamentos sobre a história de Edinete ele organizou um DVD que conta a história da “Menina da Serra” e no qual percebemos a intenção do repentista de provar para as pessoas que essa é uma história verídica e não algo criado por ele.

Esse DVD é uma fonte interessante para pensarmos, a partir de algumas entrevistas, que as pessoas que procuraram a menina e a encontraram morta já construíram nesse momento uma narrativa que identifica sinais de santidade. Uma das pessoas entrevistadas foi o senhor Sérgio Florentino Neto que disse ter sido ele quem encontrou a criança morta e, de acordo com seu depoimento: “A menina estava bem perfeitazinha”, mais adiante ele afirma que: “no dia seguinte fui assistir o enterro e ela não tinha nenhum bafo”. As palavras desse senhor pode estar associado ao que enfatiza Brandão (1986):

A religião dá nomes a todas as coisas e torna, até mesmo o incrível, possível e legítimo. Para os efeitos da vida, ela pretende sempre envolver o repertório mais abrangente das questões e fazer as respostas mais essenciais, de acordo com os interesses políticos, mas também de acordo com os medos e as esperanças das mais diversas categorias de pessoas. (BRANDÃO, 1986, P. 16-17).

A narrativa do senhor Sérgio Florentino Neto nos faz entender que a construção da representação de Edinete como santa teve início logo após seu corpo ser encontrado. Aos poucos muitos moradores da cidade de Riacho dos Cavalos e de outros locais vão se identificando com a história de Edinete e criando laços com esse ser que para eles é sagrado.

O corpo foi sepultado no cemitério Assobio, zona rural de Riacho dos Cavalos, mas pouco tempo depois construíram uma capela em cima da serra, onde colocaram o corpo da criança. Nessa capela são colocados os ex-votos, símbolos das graças alcançadas. Ao visitarmos esse espaço nos deparamos com uma grande quantidade de objetos como: bonecas, roupas, água, álbuns de crianças e fotografias diversas, inclusive uma fotografia da menina Edinete morta, sapatinhos, várias imagens de santos, dentre outros. Além dos mais variados objetos, encontramos uma carta em agradecimento que data de fevereiro de 2015. Vejamos:

Ó Deus Pai, Deus Filho e Espírito Santo, venho através desta carta, agradecer um milagre que aconteceu em minha vida. Eu recorri a Edinete que intercedesse por mim ao pai eterno, para que eu ficasse curada das mamas direita e esquerda (...) Ainda fiz 2 cirurgias na mama esquerda e hoje para honra e glória de Deus, eu estou curada. Obrigada Pai, Filho e Espírito Santo. Obrigada mãe do céu e nossa mãe, obrigada Edinete que morrestes perdida, e de fome e sede. Vós sois um anjo, sem pecado por ser inocente e sem maldade (...).

Com base na carta, percebemos que a pessoa atribui um poder a menina Edinete, não necessariamente como santa, mas como anjo protetor. A idéia de pureza associada à criança é comum em nossa sociedade, contudo nem sempre foi assim. De acordo com Ariès (2011, p. 193), durante a Idade Média a criança ainda pequena, com aproximadamente sete anos de idade, era inserida no mundo dos adultos. Não existia, nesse momento, a ideia tão comum nos dias de hoje, de enxergar a criança enquanto um ser que requer uma atenção especial. Foi na modernidade que ocorreu um redimensionamento do olhar dos adultos em relação às crianças. Percebeu-se que era preciso um tratamento diferenciado para os pequenos, pois estes eram seres frágeis e inocentes.

No tocante a questão religiosa, de acordo com a igreja católica, para que a criança permanecesse neste estado de pureza e inocência era indispensável que esta fosse batizada, pois apenas o batismo era capaz de livrar esses pequenos seres do pecado original.

Reis, no livro “A morte é uma festa” (1991) destaca a importância que as pessoas que viveram no Brasil do século XIX atribuíam ao batismo. De acordo com este autor a morte das crianças era celebrada com certas especificidades em relação à dos adultos; a morte desses anjinhos, muitas vezes, era percebida de forma diferente, acreditava-se que eram seres puros e por isso não precisavam temer por seu destino, porque este já era certo, desde que a criança fosse batizada.

No Brasil durante o século XIX as mortes de crianças eram, muitas vezes, celebradas como uma festa:

Meninos e meninas também usavam mortalhas com estampas e listas coloridas. Esse vestuário festivo significa talvez que a morte da criança não era tão grave quanto a de um adulto ainda ativo. [...] seus funerais beiravam a festa. A criança, sobretudo o recém-nascido, ainda não era considerada parte da sociedade civil, por isso transformava-se logo em anjo ao morrer, desde que fosse batizada (REIS, 1991, p. 123).

Com isso, observamos que em Salvador no século XIX as pessoas viam as mortes das crianças com certa positividade, porque além de uma vestimenta diferente, o cortejo fúnebre, em alguns casos, demonstrava alegria.

Vailati (2010), em seu estudo sobre a morte menina no Brasil do século XIX aborda a importância atribuída ao batismo das crianças como forma de garantir a salvação. Dessa forma, a família tinha como missão batizar a criança logo nos primeiros meses, assim garantiria um bom lugar para a criança morta que passaria a ser um “anjinho”. De acordo com Vailati não se sabe ao certo o momento em que as pessoas passaram a utilizar o termo anjinho para se referir à criança morta, mas percebe como aos poucos os dicionários vão trazendo essa palavra:

Os dicionários de época, se não permitem lançar algumas luzes sobre quando o tipo de costume de chamar a criança morta de ‘anjinho’ teria surgido, testemunham sua disseminação. A partir de um determinado momento, o uso do termo com esse significado específico não foi mais negligenciado pelos lexicógrafos. Publicado em 1813, o Dicionário de Moraes Silva, não registrava a palavra ‘anjinho’, somente ‘anjo’, e esta não está associada à criança morta. Já na edição de 1877, acompanhando os demais dicionários de época, esta obra já contém o termo ‘anjinho’ e informa que ‘dá-se particularmente esse nome aos meninos’, acrescentando, sugestivamente, ‘ou vivos ou mortos’ (VAILATI, 2010, p. 54).

A questão da positividade da morte das crianças é enfatizada por Reis e percebida a partir de alguns detalhes dos ritos fúnebres das crianças. Algo que chamou a atenção de alguns viajantes que passaram pelo Brasil no século XIX foi à forma como as crianças eram vestidas, muito enfeitadas, sendo suas vestimentas marcadas por cores fortes.

Atualmente no Brasil é possível identificarmos várias histórias de crianças que após morrerem, passaram a ser representadas como santas. José Carlos Pereira destaca uma classificação dos casos mais comuns em que as crianças são consideradas santas: “podem ser crianças de ambos os sexos, que tenham tido morte natural, vítima de alguma doença ou de forma trágica. Sobressaem as devoções as que foram assassinadas”(PEREIRA, 2005, p. 85).

A forma trágica como Edinete morreu, os dias de procura (dizem que de 80 a 100 pessoas ajudaram nesse ato) foram fundamentais para a construção dessa devoção, imaginar uma criança de apenas quatro anos de idade perdida numa serra é algo que comove muito as pessoas. Segundo o senhor Rui Barbosa (2016) “houve comoção não somente da família, mas de toda a população do sertão da Paraíba”.

A devoção à menina Edinete se manifesta principalmente na sexta-feira santa, assim subida da serra é entendida como penitência. Vejamos uma matéria sobre essa tradição publicada no Blog de notícias catolé news:

Mantendo a tradição que se repete todos os anos, dezenas de pessoas sobem a Serra da Menina, localizada no município de Riacho dos Cavalos (PB), para cumprir um ritual de fé, espiritualidade e contato direto com o meio ambiente. A caminhada que acontece sempre nas primeiras horas da manhã da sexta-feira santa (...) No alto da montanha também está a capela que foi construída no ano de 1976 em homenagem a menina Edinete que desapareceu dos arredores de casa, e segundo reza a história, ela teria acompanhado um jumento e se perdido na mata. Depois de alguns dias de busca intensa, o corpo da garotinha Edinete foi encontrado em cima de uma pedra, no topo da Serra dos Bois, que posteriormente ficou conhecida por Serra da Menina. Ao lado da capela também existe a casa dos milagres, local aonde os fiéis e romeiros que visitam o lugar depositam os ex-votos. (VITAL, 08 de Abril de 2012).

Percebemos a partir dessa matéria que a subida à serra da menina reúne muitas pessoas, principalmente na sexta-feira santa, para muitos, a data oportuna para fazer um pedido ou mesmo para pagar a promessa pela graça alcançada. Diante de um fluxo grande de pessoas, foi noticiado em um blog da cidade de Catolé do Rocha que o prefeito de Riacho dos Cavalos iria investir no turismo religioso:

A serra da menina que fica na zona rural do município de Riacho dos Cavalos é bastante conhecida, por causa de uma história comovente de uma garota Edinete, que se perdeu e acabou morrendo já no alto da serra, essa história virou mote de cantoria. Em seu aniversário, o prefeito de Riacho dos Cavalos ao invés de pedir presentes, pediu aos amigos sacos de cimento e explicou que esse cimento seria para ajudar fazer o acesso para veículos automotivos, já que ele teve a idéia de transformar o local em ponto turístico religioso. O acesso se dará até certo ponto, onde haverá um estacionamento, e de lá as pessoas teriam acesso através de uma escadaria. Assim sendo, Riacho dos Cavalos entrará na rota do turismo religioso, conseqüentemente criará no local uma oportunidade de renda. Hugo lembrou que através do Consórcio dos Municípios outras cidades da região poderiam entrar nesse mercado turístico que é muito atrativo. (FILHO, Agosto de 2014).

Ao subirmos a serra vemos que esse investimento não foi feito, pelo menos não como diz a matéria, pois não vimos nenhum estacionamento e para chegar até a capela existe apenas algumas placas com a informação de quantos quilômetros foram percorridos. Apesar de todas as dificuldades, os fiéis continuam com essa tradição.

No tocante ao posicionamento da igreja em relação à crença na menina Edinete percebemos, com base na análise do DVD², que o padre parece reconhecer o poder de intercessão da menina. Em entrevistas realizadas com moradores da cidade de Riacho dos Cavalos, um dos entrevistados disse:

A Igreja católica não reconhece e não atribui nenhum milagre ou crença realacionado a “santidade” de Edinete. Populares fazem romarias principalmente na sexta-feira santa. (Erivaldo de Sousa Carneiro, 10/05/2016).

Mas, se a Igreja não considera Edinete uma santa, já que para isso teria que passar por um processo de canonização, vemos que existe o reconhecimento de certo poder. De acordo com o senhor Rui Barbosa de Almeida: “Como de costume da Igreja Católica fazerem um local de adoração a algumas pessoas que morrem, e acham que vão obrar milagre, então daí surge a capela” (20/04/2016).

Como falamos anteriormente os repentistas tiveram um papel muito importante na divulgação da história de Edinete e na construção da representação dessa criança como santa. Vejamos:

Essa linda menina sertaneja
Pela sorte findou sacrificada

² -No DVD, tem a gravação de uma missa celebrada pelo padre de Riacho dos Cavalos

O que falta é ser referendada
Pelas ordens canônicas da Igreja
Todos nós desejamos que ela esteja
Ao lado de Deus onipotente
Vendo o quanto lamenta sua gente
E quantas vezes por ela já chorou
Edinete partiu, mas não deixou
De existir entre nós eternamente
[...]

(Sebastião da Silva, em cantoria com Zé Viola em Riacho dos Cavalos-PB, 2011).

Na maioria dos repentistas notamos que a ênfase é dada a questão do sofrimento que Edinete passou, mas também a construção de uma memória da menina como santa, o que percebemos quando dizem que: “o que falta é ela ser referendada pelas ordens canônicas da Igreja”. Ao analisarmos esses poemas notamos o desejo de que a história dessa criança não seja esquecida, tanto dando ênfase ao poder sagrado de Edinete como também alertando os pais para que tenham cuidado com seus filhos. Vejamos outro exemplo desses poemas:

A Igreja de Edinete
já está edificada
Por milhares de romeiros
Todo ano é visitada
É gente que se apressa
Chora, reza e faz promessa
Paga por graça alcançada

Sempre a missa é celebrada
Seguindo a missão divina
Flores, rezas, orações
Em homenagem a menina
Preces de amor e paz
Nas linhas e rituais
Da santa lei da doutrina

Aqui devoto se inclina
E da graças ao galileu
Se benze e recebe bênçãos
Das graças que recebeu
Pra quem com fé ora e canta
Edinete é uma santa que nesse sertão nasceu
[...]

(Sebastião da Silva, em cantoria com Moacir Laurentino em Riacho dos Cavalos-PB, 2011)

Esses são alguns dos poemas cantados pelos repentistas, no poema acima temos uma narrativa sobre a crença no poder da menina da serra, assim como as práticas por meio das quais a devoção é manifestada. Assim, percebemos que mesmo tendo se passado quase 40 anos do ocorrido, a história de Edinete continua a emocionar e reunir pessoas de várias partes do sertão em busca de alcançar suas graças. Essa memória da menina Edinete foi construída tanto por meio do trabalho dos repentistas como também pelos depoimentos de diversas pessoas que contam a história dessa menina de geração em geração, com as devidas alterações que sabemos que ocorrem.

FONTES:

FONTES DIGITAIS:

VITAL, Humberto. **Fiéis sobem a Serra da Menina na Sexta-feira Santa para pagar promessas e buscar bênçãos**. Catolé do Rocha-PB, 08 de Abril de 2012. Disponível em: <<<http://www.catolenews.com/noticias/mediopiranhas/em-riacho-dos-cavalos-a9052.html>>>. Acesso em: 10 de Abril de 2016.

FILHO, Domício. Prefeito de Riacho dos Cavalos Joaquim Hugo Fará Acesso de Veículos Automotivos para a Serra da Menina. Riacho dos Cavalos-PB, Agosto de 2014. Disponível em: <<<http://www.panoramanoticias.net/2014/08/prefeito-de-riacho-dos-cavalos-joaquim.html>>>. Acesso em: 10 de Abril de 2016.

Fontes Orais:

- Entrevista com o senhor Rui Barbosa de Almeida, em 20/04/2016.
- Entrevista com o senhor Erivaldo de Sousa Carneiro, em 10/05/2016.

Fonte Audiovisual:

Nos Rastros da Menina Perdida: A História de Edinete. Direção: Sebastião da Silva. Produções: SS Produções Culturais. Riacho dos Cavalos-PB, 2011, 69min. 1 DVD.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

_____. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a Religião popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986

CHARTIER, Roger. Por uma Sociologia histórica das práticas culturais. In: **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 1988, p. 13-28.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

JURKEVICS, Vera Irene. **“Os Santos da Igreja e os Santos do Povo: devoções e manifestações de religiosidade popular”**. Tese. (Doutorado em História) – Curitiba: UFP, 2004.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

PEREIRA, José Carlos. **Devoções Marginais: interfaces do imaginário religioso**. Porto Alegre: Zouk, 2005.

REIS, J. J. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VAILATI, Luiz Lima. **A morte menina: infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos** (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010.

